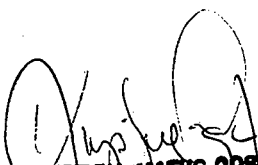


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

O "FAZER FEMININO" NO MORRO DA PENITENCIÁRIA
NOS ANOS 1994/1995
UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Aprovado Pelo DSS
Em 12/12/95


KRYSZYNA MATYS COSTA
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE-UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Assistente Social pela acadêmica: **Eleonora Cristina Kaczur.**

Florianópolis (SC), Dezembro de 1995.

Maria, Maria
é um dom, uma certa magia
uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
como outra qualquer do planeta

Maria, Maria
é o som, é a cor, é o suor,
é a dose mais forte, lenta
de uma gente que ri quando deve chorar
e não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,
é preciso ter raça
é preciso ter sonho sempre
quem traz no corpo esta marca

Maria, Maria
mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
é preciso ter graça
é preciso ter sonho sempre
quem traz na pele esta marca
possui a estranha mania
de ter fé na vida.

(Milton Nascimento)

AGRADECIMENTOS

A Zani e meus pais Traudi e Valdomiro,
foram vocês, com sua força, sua coragem,
seu incentivo e seu amor, que me deram
suporte para continuar em busca
de um caminho que propiciasse
a realização que hoje sinto.
Esta vitória é nossa.

Agradeço também a Karin, Valter, Rose,
Tabata, Vagner e Solange,
Vocês são a melhor família
que eu poderia querer.
Da mesma forma agradeço a família
Suski, minha segunda família.

A todos os meus amigos e amigas,
especialmente a Gilberto, Carmine, Gaza,
Rita, Deluca, Leila, Caetano, Dani Freitas,
Dani Maragno, Labas, Léo, Rô, Vivi Andrade,
aos moradores do Morro, em especial
às mulheres, enfim, a todos
que me acompanharam nesta caminhada.
Vocês foram fundamentais.

A meus professores,
em especial a Edaléa e Tereza,
pelas conversas esclarecedoras,
minha gratidão.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 05 |
| 1. Origem e alguns aspectos históricos da comunidade..... | 10 |
| 1.1 Aspectos históricos e conjunturais do Morro da Penitenciária..... | 11 |
| 1.2 A Mulher na Atual Conjuntura a Nível Nacional e Internacional..... | 18 |
| 1.3 A Casa da Criança do Morro da Penitenciária | 23 |
| 2. O Fazer Feminino na Comunidade..... | 26 |
| 2.1 Aspectos Teóricos da Perspectiva de Género..... | 27 |
| 2.2 O Grupo de Mulheres da Casa da Criança..... | 30 |
| 2.3 A Associação de Moradores - O Protagonismo Feminino: Reações e Mudanças..... | 42 |
| 3. O Papel do Serviço Social..... | 52 |
| 3.1 O Profissional de Serviço Social | 53 |
| 3.2 Objetivos e Metodologia..... | 57 |
| Análise Conclusiva..... | 61 |
| Bibliografia..... | 66 |

INTRODUÇÃO

A comunidade constituiu-se em um espaço amplo e rico para a prática de estágio, no caso do Serviço Social, pois tem as mais diversificadas possibilidades de trabalho e grandes alternativas para vivenciar os conhecimentos que são produzidos, as ações combinadas e realizadas, os saberes recriados, as normas estabelecidas, as lutas comuns delineadas por intenções, motivações e sentimentos partilhados, as responsabilidades divididas, a igualdade ensaiada, os desânimos enfrentados, enfim tudo o que caracteriza profundamente o trabalho popular.

Ressalta-se que o objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso é fazer uma análise da intervenção, somado ao interesse em fazer uma pesquisa que tratasse sobre as questões de gênero, enfatizando a questão da mulher no que se refere à histórica dominação a que foi submetida, suas estratégias de luta e participação efetiva nas práticas políticas comunitárias, tem seu início já no estágio extra-curricular, realizado na comunidade da Serrinha próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, durante o ano de 1993. Este estágio ocorreu via paróquia da

Trindade, que realizava um trabalho assistencial no local. Principalmente atuando junto à Associação de Moradores, que segundo Bastos & Gomes são "entidades representativas da população (...) encaminham as reivindicações populares, atendendo algumas necessidades da população de sua área"¹ - foi possível perceber, que as mulheres vinham participando nesta instância, que se destaca pela riqueza de seu caráter reivindicativo, de resistência e denúncia. Para Wanderley, "o Serviço Social e o desenvolvimento de comunidade tem um compromisso imperioso em conhecer a fundo essa realidade e inserir-se nas lutas sociais maiores (...)"².

Quanto ao trabalho junto às mulheres, assim como o presente Trabalho de Conclusão de Curso, tem sua origem no projeto " O Fazer Feminino nas Práticas Políticas das Mulheres das Comunidades de Periferia de Florianópolis", projeto este desenvolvido no Núcleo e Sub-núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular, e coordenado por Teresa Kleba Lisboa. A primeira comunidade a se interessar pelo desenvolvimento do projeto, foi o Morro da Penitenciária, onde já existia um Grupo de Mulheres ligado à Casa da Criança, que passa a ser o universo referencial da pesquisa.

Para Gramsci "o elemento popular 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual 'sabe' mas nem sempre compreende e muito menos 'sente'. O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber)"³. A pesquisa buscou articular o sentir, compreender e saber sobre a

¹ BASTOS & GOMES. *Sobre o Caráter Político das Associações de Moradores em Favelas*. In. *Serviço Social & Sociedade*, 120.

² WANDERLEY. *Limites e Potencialidades do Desenvolvimento de Comunidade*. In. *Metamorfoses do Desenvolvimento de Comunidade*, 158.

³ GRAMSCI. *Alguns Problemas para o Estudo da Filosofia da "Práxis"*. *Concepção Dialética da História*. 139.

questão de gênero, a uma opção autêntica de transformação social, partindo de uma práxis junto ao Grupo de Mulheres da Casa da Criança. Vemos que a realidade brasileira, terceiro - mundista é gritante em muitos aspectos. Nas relações entre sexos percebe-se claramente uma dominação da mulher por parte do homem, em todas as esferas de organização da sociedade, a começar pelo econômico e político além da esfera sócio-cultural.

Não se pode negar que a realidade do local onde se realiza a pesquisa, é produto de uma realidade estrutural mais ampla de dominação e desigualdade que precisa ser entendida e transformada. A transformação de uma sociedade só é possível a partir da organização da sociedade civil, enquanto organização popular, onde a população subalternizada, organizada passa a ser sujeito social e político, exercendo papel relevante no contexto das relações sociais.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, estrutura-se a partir de três momentos. O primeiro faz um apanhado geral a respeito da contextualização histórica, sua origem, sua localização, seus habitantes e aspectos culturais da comunidade do Morro da Penitenciária. Este capítulo subdivide-se em dois itens. O primeiro considera aspectos históricos a respeito da cidade na qual situa-se a referida comunidade, destacando algumas mudanças, especialmente estruturais, ocorridas desde que Florianópolis era a capital da província até o processo de favelização, decorrente, entre outras coisas do acelerado processo de êxodo rural. Desvela-se também características conjunturais, assinalando não só a infraestrutura econômica como também aspectos políticos e sócio-culturais que desembocam na problemática da mulher, apontando e analisando algumas estatísticas oficiais não só a nível nacional como também em abrangência internacional. No segundo momento, aprofunda-se teoricamente o "Fazer Feminino" no Morro da Penitenciária enquanto participação, organização, luta e avanços do Grupo de Mulheres da Casa da Criança. Ressalta-se em

seguida o processo de eleições da Associação de Moradores, bem como as primeiras atividades desenvolvidas pela chapa eleita, "Caboclas da Serra", analisando certas reações dos homens em relação a participação das mulheres no âmbito público. Por fim, sendo um dos objetivos do presente Trabalho de Conclusão de Curso, analisa-se o papel do Serviço Social, sua origem nos limites institucionais da Igreja, sua inserção no mercado de trabalho, bem como algumas características do exercício da profissão e o papel deste nas organizações populares. No mesmo capítulo aborda-se também a questão metodológica do Serviço Social no que diz respeito a execução do projeto. Finalmente é feito uma análise conclusiva/propositiva embasada na relação entre a teoria e a prática, na realidade concreta do universo referencial da pesquisa.

Cabe ressaltar que esta é a primeira pesquisa, que junto ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, evidencia a perspectiva da mulher, embasada na categoria de gênero. Daí a relevância desta pesquisa, que não se propõe a priori, a dar respostas ou soluções, mas sim contribuir para uma reflexão séria que nasce a partir de uma realidade concreta de empobrecimento, de uma práxis ligada ao cotidiano de uma comunidade específica e do embasamento teórico-metodológico adquirido ao longo do Curso de Serviço Social.

CAPÍTULO I

1. ORIGEM E ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE

1.1 - Aspectos históricos e conjunturais do Morro da Penitenciária

Para a compreensão da realidade específica do Morro da Penitenciária, faz-se necessário considerar alguns aspectos mais amplos, relacionados a cidade na qual situa-se a referida comunidade.

Segundo Edaléa Maria Ribeiro da Silva⁴, o Estado de Santa Catarina, desde sua formação, teve um papel de complementação do centro dinâmico da economia brasileira, não apenas como fornecedor de determinados bens, como também exercendo a função de "local de passagem" do centro para o sul do país e vice-versa.

A autora continua afirmando, que desde o início de sua colonização no século XVIII, Florianópolis se caracteriza como centro de atividades da Província. Teve como referenciais, atividades militares e administrativas pois

⁴ SILVA. *O Usuário dos Serviços Sociais: Este Ilustre Desconhecido*. 22,23.

a ilha era a Capital da Província, além, do importante Porto de Desterro, que era um meio de contato ou de negócios entre as regiões litorâneas produtivas e os mercados consumidores, principalmente Rio de Janeiro. Grande parte da população constituía-se basicamente de oficiais e familiares e a produção local não era suficiente para acompanhar o crescimento demográfico, por isso, gêneros alimentícios, vestuário e outros precisavam ser trazidos de fora.

As atividades mais específicas desenvolvidas em Florianópolis, além dos serviços administrativos (próprios de um centro político-administrativo) aos poucos vão se intensificando o setor de prestação de serviços -que não se baseia em um trabalho produtivo- bancos, a indústria da construção civil e de produtos alimentícios, além do comércio que aparece como uma atividade econômica de grande porte.

A autora constata também, que somente após os anos 50, com a ligação da rede de energia elétrica, é que começa a ocorrer com maior rapidez, a chamada “modernização urbana”, intensificando o comércio de eletrodomésticos.

A infra-estrutura da cidade então, encontrava-se bastante débil em comparação ao rápido crescimento populacional, gerando sem dúvida um clima de insatisfações, que organizadas, geram grandes movimentos de rua, de cunho anárquico. Este movimento faz parte de um contexto maior, onde, a nível nacional, surgem os grandes movimentos por reformas, sendo protagonizado, basicamente pelo movimento estudantil.

No final da década de 50, o Brasil entra numa nova fase de desenvolvimento, o chamado “desenvolvimentismo econômico”, aumentando assim sua dependência externa. Florianópolis, com aproximadamente 100 mil habitantes, não fica alheia ao processo de industrialização nacional,

acelerando assim, seu processo de marginalização social, concomitantemente a favelização⁵.

A origem da comunidade do Morro da Penitenciária, data do final dos anos 60, quando uma funcionária da Penitenciária Estadual, casou-se com um detento e devido a problemas financeiros, constrói a primeira casa clandestina no Morro. Meses depois, outros ex-detentos também vão morar com suas famílias ali.

Nos anos 67/68 a mulher de outro detento, transferido da cidade de Campo Belo do Sul (SC), para a Penitenciária Estadual, acaba por morar no Morro. Quando chegou, haviam construídas oito casas de ex-detentos e familiares, que mais tarde venderam seus barracos, para pessoas que deslocavam-se principalmente do interior do Estado rumo à comunidade.

Durante esta mesma época, acontece no Brasil um acelerado processo de êxodo rural, ou expulsão dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, que então procuraram nos centros urbanos, a melhoria das condições de vida. Segundo Teresa Kleba Lisboa, "a política agrária do país está longe de promover a fixação do homem no campo e criar condições dignas de sobrevivência. Os processos de concentração de terra e de renda são os principais responsáveis pela entrada violenta de milhares de famílias no sistema de assalariamento"⁶. Para os migrantes vindos do planalto serrano e outras regiões à capital, a história não foi diferente, e os principais desafios encontrados de imediato, chegando à cidade, são o emprego e a moradia. Em Florianópolis, não encontraram grandes dificuldades no que diz respeito ao emprego, pois a construção civil e os empregos domésticos, ofereciam a "solução" deste problema. O mesmo não ocorreu com a moradia, pois o déficit habitacional da cidade fez com que o migrante se

⁵ idem.

⁶ LISBOA. *As Lutas Sociais no Meio-Oeste Catarinense*.

fixasse nas regiões periféricas da mesma, geralmente, através de ocupações organizadas ou clandestinas.

O maior crescimento da favela (Morro da Penitenciária), acontece nos meados de 70 com a vinda de migrantes principalmente de Campo Belo do Sul, Lages, Curitiba e Canoinhas, que foi comprovado na II Pesquisa Sócio-econômica realizada por Leila S. Hofstatter⁷ no ano de 1993, demonstrando um percentual de 73% dos moradores, procedentes da região serrana; 20,5% de outras regiões de Santa Catarina e 6,5% de outros estados. A constituição étnica predominante da região, procede da miscigenação de três raças: a negra, índia e branca, conhecida por caboclo.

O Morro da Penitenciária situa-se ao norte da Ilha de Santa Catarina - Florianópolis - é uma das comunidades consideradas marginais ou periféricas da cidade. O Morro faz parte do bairro Trindade, que com a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no mesmo, tem um crescimento populacional considerável. Situa-se nas encostas do Morro da Cruz, próximo à Penitenciária Estadual, e para chegar a comunidade, sobe-se a rua Álvaro Ramos, e ao final desta começa a favela. Para entrar na comunidade, há três maneiras, uma é a ruazinha que seguindo a Álvaro Ramos, virando à direita passa em frente à Casa da Criança. Outra é pela escadaria construída em mutirão no início dos anos 80, e a última é a rua Íngreme, que passa a creche estadual que atende as crianças do bairro e por onde deve passar o ônibus, pelo qual a Associação de Moradores da comunidade vêm reivindicando, que é uma das prioridades da prefeitura municipal ainda não cumprida.

Dentro da comunidade, as casas são pequenas e modestas, há ruelas e becos que permitem chegar a todas as casas. Constatou-se na já citada

⁷ HOFSTÄTTER. *II Pesquisa Sócio-Econômica na Comunidade do Morro da Penitenciária*. In. mimeo. 1992.

pesquisa, a existência de 328 domicílios, sendo que a média de pessoas equivalia a 4,45 por domicílio. Dos 1462 moradores, 716 (49%) são mulheres e 746 (51%) são homens. A faixa etária dos habitantes do Morro de 0 a 13 anos, equivalia a 38%; de 14 a 18, a 13%; de 19 a 25, a 19%; de 26 a 45 a 23% e acima de 45 anos equivalia a 7%. Isto significa que o número de crianças e jovens é consideravelmente maior que o número de adultos. Outro dado a ser lembrado, é o tempo de moradia dos habitantes na comunidade, onde 16% residem a menos de um ano; 21% residem de um a 3 anos; 14% de 3 a 5 anos; 22% de 5 a 10 e 27% residem no Morro a mais de 10 anos. Estes dados nos fazem perceber que uma das dificuldades da organização comunitária se dá devido ao alto índice migratório (campo/cidade), além de uma certa rotatividade de moradores entre os diferentes bairros periféricos.

Nesta comunidade, devido a uma situação generalizada de pobreza, a mulher é fundamental na contribuição financeira para o sustento familiar, isto é confirmado pela mesma pesquisa que constata que da população economicamente ativa, 46% são mulheres, e 54% são homens. Dentre as profissões exercidas pelas mulheres, ressalta-se o emprego doméstico com 29%; a faxina com 26,5% e as desempregadas somam 22,5%. Com relação às profissões exercidas pelos homens, destacam-se: pedreiros 20%; carpinteiros 18%; serventes 17,5%. Sabe-se ainda que muitos trabalhadores e trabalhadoras desta comunidade não incluídos na estatística apresentada acima, não fazem parte do mercado formal de trabalho.

Considerando as profissões exercidas pela população economicamente ativa da comunidade, nota-se de antemão, que a renda familiar situa-se abaixo do mínimo necessário para uma vida digna. Os dados comprovam, que 15% das famílias recebem mensalmente, até um salário mínimo; 24% recebem de um a 2 salários mínimos; 28% de 2 a 3 salários mínimos; 22% de 3 a 4 salários mínimos e apenas 6% recebem acima de 5

salários mínimos. Isso significa (não considerando os 5% que não responderam a questão), que a renda per capita de 89% dos habitantes do Morro, é de até 0,9 salários mínimos/mês. Estes dados alarmantes estão intrinsecamente ligados à própria estrutura econômica do país. Da mesma forma a questão do analfabetismo se faz presente na comunidade, onde 7% dos moradores são analfabetos; 57% cursaram de 1a. a 4a. série; 26% de 5a. a 8a. série, e apenas 3% iniciaram e/ou concluíram o 2o. grau.

Uma análise mais profunda da situação econômica, política e social dos dados acima expostos, depende de uma compreensão ampla, a nível estrutural e conjuntural da sociedade brasileira, que insere-se num contexto de globalização, a qual é desenvolvida a seguir.

O Estado brasileiro sofreu historicamente algumas mudanças estruturais, que segundo Mantega⁸, foi a passagem de um modelo agro-exportador, baseado numa economia escravista, para a implantação de uma política de substituição de importações de bens industriais, passando de uma política colonialista das oligarquias rurais para uma política baseada no liberalismo econômico.

Nas décadas de 30 e 40 liberais e nacionalistas em debate, acabam aprovando a chamada "modernização populista" do país, que desde então assume o processo de industrialização.

Nas décadas de 50 e 60 como já citou-se, caracterizam-se pelo assim chamado desenvolvimentismo e nacional desenvolvimentismo, onde o Estado teve papel central ou intervencionista no processo de desenvolvimento econômico. A industrialização brasileira tem optado por técnicas desadaptadas aos recursos naturais, às características culturais, às necessidades sociais e ao potencial econômico do Brasil, e em função desta

⁸ MANTEGA. *A Economia Política Brasileira*. 45.

opção, o custo social tem sido deveras elevado, não beneficiando a sociedade como um todo, nem no que se refere à satisfação das necessidades básicas, além do endividamento externo, que não proporcionou um mercado interno sólido, mas sim a chamada crise dos anos 80, colapso de um modelo econômico e político oriundo desde 1930.

Para Cristovan Buarque, "ao longo de um século, o Brasil manteve taxas de crescimento econômico entre as mais elevadas do mundo, e mesmo com sua riqueza natural, infra-estrutura de que dispõe e seu tamanho, encontra-se entre os piores indicadores sociais de todo o mundo"⁹. A identidade nacional tem sido construída a partir de fatores como mortalidade infantil, ineficiência do sistema educacional, crescente índice de doenças endêmicas, sucateamento da estrutura econômica científica e tecnológica já montada, miséria crescente, dívida externa e interna acentuadas, violência generalizada, dolarização e aviltamento da moeda, apropriação oligárquico-burquesa do Estado que nos últimos anos passa por um processo de desmonte ou minimização e subordinação ao mercado.

As disparidades sociais e regionais não são minimizadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, nem pelas taxas positivas de crescimento econômico, como comprovaram México e Argentina na última década, e mesmo assim o Brasil tenta imitá-los, acentuando assim suas características baseadas no apartheid social, gerados por projetos arcaicos e conservadores.

⁹ BUARQUE. *O Colapso da Modernidade Brasileira*.

1.2 - A Mulher na Atual Conjuntura a Nível Nacional e Internacional

No Brasil repete-se (basicamente) a realidade assinalada em nível internacional em relação à mulher, porém de forma ainda mais gritante. “Somos considerados a nona potência mundial, mas estamos entre os quatro piores indicadores sociais de todo o mundo”¹⁰. Além da exploração da força de trabalho e empobrecimento acentuados drasticamente nos últimos anos, sobre a grande maioria dos brasileiros, temos ainda a específica opressão nas relações de gênero baseada na divisão do trabalho e dos papéis sociais e do sexo, à mulher. Conscientizar a sociedade não basta, mas é um ponto de partida, na construção da dignidade e cidadania da mulher e também do homem.

Este item tem por objetivo, fazer um diagnóstico preciso da realidade da mulher na conjuntura atual brasileira e internacional. Para isso, temos

¹⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. *Fonte Banco Mundial*. 28/07/95.

algumas estatísticas do IBGE e convênio Dieese, Seade e Unicamp/1987, citadas no fascículo "Brasil Urgente"¹¹, que nos fornecem importantes dados, além de alguns registros a respeito da Conferência de Pequim, importantes par a compreensão desta temática.

Em primeiro lugar, tem aumentado significativamente o número de mulheres que trabalham fora de casa. Em 1970, 18% das mulheres, com mais de 10 anos tinham emprego. 17 anos depois esse número subiu para 37%, destas, a maior proporção é de mulheres casadas, com filhos. De cada 100 mães de filhos maiores de 7 anos, 41 passaram a ter atividades econômicas, na década de 80, quando menos de 25 o faziam na década anterior. A incorporação da mulher no processo produtivo, sem dúvida tem aumentado nos últimos anos, mas o que isso significa? A resposta mais imediata baseia-se no fato de que houve um aumento da miséria que obrigou a mulher trabalhar no espaço dito produtivo, além de sua jornada de trabalho doméstico. Registra-se ainda que de maneira geral, mulheres não recebem o mesmo salário que os homens em trabalhos iguais, sendo que Marx e Engels, ao analisarem a participação da mulher no mundo do trabalho, no sistema capitalista, observou que "para o burguês, sua mulher nada mais é que um instrumento de produção"¹². Na faixa dos trabalhadores que ganham até um salário mínimo, estão 34% da mão de obra masculina e 58% da feminina. Apenas 7,2% da mulheres ganham mais que 5 salários mínimos, enquanto 16% dos homens estão nesta faixa. Sabe-se porém, que as estatísticas oficiais não registram uma boa parte do trabalho das mulheres, como as atividades descontínuas do trabalho informal, a pequena produção e a produção domiciliar.

Outros dados alarmantes estão relacionados à falta de infra-estrutura de apoio, como creches, para todas as famílias. O Brasil é um dos países de

¹¹ FASCÍCULO BRASIL URGENTE. *Maioria Oprimida*. 06

¹² MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. In. *Obras Escolhidas*. 35.

mais alto índice de mortalidade materna, relacionado a problemas de gravidez, parto, pós-parto e abortos. O índice é de 17/1000. Somente em 1984, 70 mil mulheres morreram por complicações de parto ou aborto (muitos casos devido a erros ou infecções hospitalares)¹³.

Este mesmo fascículo coloca, que cada vez mais tem crescido a percentagem de esterilização de mulheres brasileiras (é muito raro a esterilização em homens), em grande parte como fruto de programas imperialistas de controle demográfico, preocupados em reduzir a população dos países dependentes, como medida de segurança contra explosões sociais. Cresce assustadoramente o número de denúncias sobre perseguições no trabalho e exigência de controle de fertilidade, além da prática generalizada de violências: abuso sexual de meninas, espancamentos pelos maridos, estupros, entre outros.

Na conjuntura atual, o encontro realizado em Pequim durante o mês de setembro de 1995 (nos dias 04 a 14) foi um marco, pois, de certa maneira absorveu sinteticamente grande parte dos conflitos e tensões inerentes à questão de gênero. Esta conferência, promovida pela ONU, que somada ao fórum paralelo das ONGs (Organizações Não-Governamentais), foi a maior já realizada, com 47 mil participantes de 181 países e teve como eixo teórico, Mulher: Ação Para a Igualdade, Desenvolvimento e Paz, com o objetivo de “combater os obstáculos e promover o avanço da mulher”.¹⁴

Sabe-se de antemão, estava implícito eticamente, que essa conferência só teria sentido na medida em que sua preocupação fosse centrada na busca concreta da dignidade e de igualdade em relação aos direitos humanos e sociais à mulher. Do contrário, seria mais um grande evento social burguês, sustentado pela grande massa dos pobres, sejam eles

¹³ BRASIL URGENTE. *Op. Cit.* 07.

¹⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. 16/09/95. 10.

peças ou países, vítimas de um sistema opressor e hegemonicamente neoliberal.

Ao menos teoricamente, reconheceu-se na Conferência, a necessidade de superação de muitos aspectos relacionados a questão de gênero, especialmente no que diz respeito à igualdade de direitos entre homem e mulher; a superação da discriminação com relação a mulher; a necessidade de erradicação da pobreza, onde que as mulheres são as primeiras afetadas; o fim da violência com relação a questões da sexualidade contra as mulheres e meninas; a possibilidade da plena participação da mulher em todas as esferas da sociedade; a igualdade de responsabilidade entre homem e mulher relativo à família; a promoção da independência econômica da mulher, combatendo-se as causas estruturais que geram a pobreza e que recai em primeiro lugar às mulheres; enfim, “potencializar ao máximo a capacidade das mulheres e meninas em todas as idades de poder garantir sua plena participação, em condições de igualdade, na construção de um mundo melhor para todos e de promover seu papel no processo do desenvolvimento”.¹⁵

Na questão da pobreza que deveria ser o tema central da conferência, foi ofuscada pelas discussões sobre sexo. O documento fala em “erradicar a carga cada vez maior de pobreza que recai sobre as mulheres”. Este fenômeno foi batizado de “feminização da pobreza”(id.). Constatou-se que mais de um bilhão de pessoas, das quais 70% são mulheres vivem na pobreza. Por isso “os governos assumiram o compromisso de promover as possibilidades econômicas da mulher, influir positivamente no emprego, na remuneração das trabalhadoras e garantir-lhes assessoria jurídica grátis”.¹⁶

¹⁵ idem.

¹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Elementos Para Refletir a Conjuntura Nacional. 01,02.*

Em síntese, a partir das discussões acerca dos vários temas abordados na Conferência, foi assumido o “compromisso de conquistar a igualdade de direitos, a igualdade de responsabilidades e a igualdade de oportunidades, assim como a igualdade de participação das mulheres e dos homens em todos os órgãos e processos de determinação de políticas em nível nacional, regional e internacional”.¹⁷

A declaração é concluída nos seguintes termos: “Pela presente, nos comprometemos, na qualidade de governos, aplicar a seguinte “plataforma de ação” e a garantir que todas nossas políticas e programas reflitam uma perspectiva de gênero...”¹⁸

A vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições de 1994, houve uma retomada dos pontos centrais do projeto neoliberal, iniciado principalmente no governo Collor de Melo, que baseia-se na abertura externa da economia, desregulamentação do mercado e privatizações de setor estatal, juntamente com a atualização da crise do Estado e da sociedade nacional. Este governo propõe reformular o papel do Estado em termos que garanta uma maior sintonia da economia brasileira, com a nova “ordem” econômica internacional, situada dentro dos parâmetros de globalização ou mundialização.

¹⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Op. Cit. 10.

¹⁸ *idem*.

1.3 - A Casa da Criança do Morro da Penitenciária

Já tendo sido desvelado o cenário no qual a Casa da Criança se encontra, ou seja, no Morro da Penitenciária, cabe esclarecer como esta surgiu, seus objetivos, enfim, a utopia do projeto enquanto processo de realização coletiva, que inicia no trabalho pedagógico com crianças, e mais tarde com os trabalhos junto às mulheres do Morro, que formaram o Grupo de Mulheres da Casa da Criança do Morro da Penitenciária.

Considerando que a marginalização vivida pelas crianças e adolescentes é um quadro cada vez mais alarmante, pois intensificaram-se nos últimos anos os problemas referentes à negação de seus direitos fundamentais, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, são: proteção à vida e à saúde; direito à liberdade, respeito e dignidade; direito à convivência familiar e comunitária; direito à educação, cultura, esporte, lazer entre outros, que são assumidos na lei número 8.069 de 13 de julho de 1990,

porém não cumpridos na prática. O Estado, primeiro responsável na execução do referido Estatuto, omite-se, surgindo a necessidade de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e/ou entidades filantrópicas, como é no caso a Casa da Criança, que respondam na medida do possível tal questão.

Segundo Vera Lúcia Rossi,¹⁹ a Casa da Criança surgiu das necessidades dos moradores da comunidade, em ter um lugar alternativo onde deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Sua inauguração aconteceu em março de 1988, atendendo 110 crianças e adolescentes na faixa de 6 a 17 anos. Edaléa Maria Ribeiro da Silva²⁰ nos coloca, que para garantir a sustentação deste projeto, a princípio houve a vinculação com a Paróquia da Trindade que em termos eclesiais abrange geograficamente a comunidade, que mais tarde deixa de existir, uma vez que com a troca de pároco, muda-se a compreensão sobre o gerenciamento do projeto, que até então era coordenado pelos próprios moradores, através de uma diretoria. Com o afastamento da igreja, tem-se como consequência imediata a falta de verbas.

A Casa, após esta mudança ocorrida no ano de 1991, sofre um refluxo significativo, mas com o apoio de um grupo de moradores, viabiliza-se os recursos financeiros dando continuidade ao projeto. A Casa conta com a verba da Prefeitura Municipal de Florianópolis, uma verba de quantia ínfima, que do quadro de funcionários paga somente o salário de duas educadoras, e conta também com a verba trienal de uma igreja evangélica da Alemanha, para onde enviou-se um projeto, mas que também é uma verba que não dá estabilidade aos trabalhos. Considerando estes dois convênios, tem-se também enviadas várias cópias do projeto, sendo que uma, enviada à Secretaria da Família, instituída no atual governo (Paulo Afonso Vieira), após

¹⁹ ROSSI. *O Serviço Social no Contexto da Experiência Comunitária: Casa da Criança*. 43.

²⁰ SILVA. *Plano de Ação do Serviço Social no Morro da Penitenciária*. In. mimeo.

meses de insistência, não teve resposta, provando mais uma vez a contradição existente entre o discurso e a operacionalização dos trabalhos, coordenado por Fernanda Bornhausen, sobrenome tão conhecido no Estado devido a seu cunho oligárquico. Atualmente, ou seja, no ano de 1995, a entidade passa por graves problemas financeiros, sendo que deixou de atender as crianças por algum tempo, só retomando as atividades devido trabalhos conjuntos com o Grupo de Mulheres, diretoria da Casa e Associação de Moradores.

Como pode-se perceber, o Grupo de Mulheres constitui-se numa das instâncias fundamentais na organização da Casa e da própria comunidade. O Grupo surge com algumas mães que se reuniam esporadicamente afim de organizar basares com as roupas usadas, que eram doadas a Casa. Com o passar do tempo, começou-se um trabalho com "objetivos mais definidos, entre eles tornar mais freqüentes as reuniões do grupo"²¹ (Hofstätter & Kaczur, 1994), sendo que o objetivo da Casa da Criança com este trabalho, segundo Plano de Ação do Serviço Social 1994/1995 é "contribuir para que os pais das crianças e adolescentes do Morro da Penitenciária através da prática vivenciada no Projeto Casa da Criança, tomem consciência das injustiças, descubram e conquistem seus direitos, vislumbrem estratégias de reação no sentido de mudarem, de forma coletiva os rumos de sua história".²² Consultadas algumas mulheres a respeito desta idéia, e havendo interessadas em participar do mesmo, as reuniões passam a ser semanais, e foram pensadas de forma a ter-se um espaço para a pintura em tecido, e outro para as conversas/reflexões a partir de assuntos de interesse das participantes.

²¹ HOFSTÄTTER & KACZUR. *Plano de Ação para o Grupo de Mulheres da Casa da Criança do Morro da Penitenciária*. In. mimeo.

²² SILVA. *Op. Cit.* In. mimeo.

CAPÍTULO II

2. O FAZER FEMININO NA COMUNIDADE

2.1 - Aspectos Teóricos da Perspectiva de Gênero

O tema "O Fazer Feminino no Morro da Penitenciária nos anos 1994/1995 - Uma Perspectiva de Gênero, deve-se a consideração de que o estudo sobre a questão de gênero no Serviço Social, é uma categoria emergente.

Considerando que gênero é um produto complexo de uma variedade de forças sociais, e que, segundo Joan Scott "o gênero é a primeira maneira de dar significado às relações de poder",²³ cabe ressaltar que a ideologia patriarcal da sociedade nega à mulher seu desenvolvimento pleno, omitindo sua contribuição histórica. Assim os estudos sobre a mulher se tornam difíceis em meio a uma documentação e sociedade dominada e elaborada pelo homem.

²³ SCOTT. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. In. *Educação e Realidade*. 16.

Sabe-se porém, que a participação das mulheres em geral tem sido significativa, como se pode ver nos sindicatos, associações de moradores, e até na política, ou seja, as mulheres estão buscando transformar sua situação de inferioridade, se afirmando como 'sujeitas' das suas histórias, conquistando reconhecimento, e mostrando sua presença nos processos de mudança nas mais diversas situações, merecendo estudos, reflexões e destaque.

A temática das relações de gênero é ainda nova em nosso meio acadêmico, e concorda-se com Silva,²⁴ que já se pode arriscar considerar os estudos de gênero como um campo aberto e emergente no Serviço Social".

Conforme Pinto, em artigo no Documento do 8o. Congresso de Serviço Social, na Bahia, "o termo gênero como categoria analítica é novo, os trabalhos que passam a abordar esta questão de forma sistematizada vem à luz na década de 80, com as contribuições de diferentes disciplinas, como a biologia, antropologia, a psicologia a sociologia e o próprio movimento feminista".²⁵ A autora continua colocando que a construção desta categoria de análise, se destina à "desnaturalização" do fenômeno que tenta justificar político-ideologicamente as desigualdades sociais que se baseiam no sexo.

Para Joan Scott, "gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos (...) é a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (...) uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado".²⁶

²⁴ SILVA. 8a. Conferência Nacional de Serviço Social. 322.

²⁵ PINTO. *idem*. 337.

²⁶ SCOTT. *Op. Cit.* 07.

Compreende-se que ao se utilizar a categoria gênero, se trabalha com as construções simbólicas do masculino e do feminino nas diferentes sociedades.

Segundo Verena Stolke, o conceito analítico de gênero é destinado a desafiar, o que até pouco se dizia, que "a biologia é o destino", e passa a interpretar as relações entre homens e mulheres como "formulações culturais, resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais".²⁷

²⁷ STOLCKE. *Sexo está para Gênero assim como Raça para Etnicidade*. In. *Estudos Afro-asiáticos*.103.

2.2 - O Grupo de Mulheres da Casa da Criança

O Grupo de Mulheres do Morro da Penitenciária o qual acompanhamos, foi um marco para a organização das mulheres na comunidade. Pode-se dizer que conhecemos as mulheres 'antes' e 'depois' do grupo, e que este foi o grande influenciador de tantas mudanças.

Isto pode ser dito, uma vez que ao chegar no grupo, as mulheres em geral, mostravam-se caladas, haviam nas reuniões, silêncios difíceis de serem quebrados. As participantes em geral, não emitiam suas opiniões, mostravam-se na verdade como ouvintes.

No decorrer de todo o trabalho é que foi possível perceber alterações neste comportamento de submissão ou não sujeição das mulheres. No que dizia respeito à pintura em tecido (atividade concreta que levava as mulheres a participar do grupo) a princípio se sentiam empolgadas, no entanto nos

momentos de conversa/reflexão, o que julgamos como mais importante, muitas vezes as participantes mostravam-se dispersas e sem ânimo, sendo que somente algumas demonstravam interesse.

Segundo Heleieth Saffioti, "há necessidade de a mulher ter uma atividade profissional que garanta a sua sobrevivência. Porque a maioria das pessoas é pobre, e essas pessoas não se realizam. Você pensa que quem esfrega chão se realiza? O ganha-pão é uma coisa fundamental; numa sociedade individualista como a nossa, cada um tem que se virar".²⁸ Constatou-se mais tarde que a pintura em tecido, constituía-se para as mulheres a possibilidade de "mudar de vida", deixando as "faxinas" para ganhar dinheiro com algo mais agradável a se fazer, porém, como a princípio essa idéia foi pensada de maneira individual, fez com que a atividade se desgastasse. Somente mais tarde, como adiante perceberemos, é que a pintura em tecido passa a ser vista como forma coletiva de estratégia de sobrevivência.

Parafraseando Madalena Freire, pode-se falar em grupo "quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica".²⁹ A autora continua, que "no cumprimento e desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo, com um objetivo mútuo".

Cabe ressaltar que, em dinâmicas feitas no grupo, ao perguntarmos por que cada uma participava do mesmo, as que responderam que iam ao grupo para pintar, mais tarde desistiram, mas as que responderam que gostavam da pintura, mas iam ao grupo por outros motivos, permaneceram, e atualmente, estão tomando as decisões nas tarefas do mesmo.

²⁸ TOSCANO & GOLDENBERG. *A Revolução das Mulheres*. 65.

²⁹ FREIRE. *O que é um Grupo*. 12.

"Eu venho ao grupo, porque em casa eu me sentia muito sozinha".

(Marinês)

"Eu venho pro grupo prá sair de casa."

(Salete)

"Venho no Grupo de Mulheres, prá dar uma força prá Casa da Criança".

(Dorva)

Isto nos levou a perceber que é muito importante que se tenha uma atividade prática que chame as pessoas a participar de algum grupo, como a pintura no caso do Grupo de Mulheres, mas que esta não se constitua em fator principal, pois como toda atividade concreta, as pessoas acabam se cansando e aí está a importância de um trabalho embasado nas expectativas da maioria das participantes do grupo, já que as expectativas nunca serão as mesmas para todos.

Por este motivo, foi feito no grupo de Mulheres, o que se chamou de Levantamento de Expectativas, para então desenvolver as atividades de acordo com o que as participantes esperavam do grupo.

Para fazer este Levantamento de Expectativas, foi necessário trabalhar com as mulheres o conceito que estas tinham de grupo, e o que as motivava a participar. As percepções sobre grupo, foram muito ricas:

"Grupo é trabalho e união".

(D.Zilma)

"É onde a gente se reúne prá conversar sobre os problemas, fazer brincadeiras".

(Neusa)

"Grupo de amigos para tomar chimarrão, conhecer pessoas e fazer novas amizades".

(Marinês)

Ressalta-se que sempre que possível e necessário, fazia-se um resgate dos assuntos abordados em reuniões anteriores, para que as participantes relacionassem os assuntos, lembrando as questões essenciais.

Buscou-se propiciar um espaço para as participantes refletir sobre os temas de interesse, para que fossem aprofundados. Para alcançar estes objetivos, trabalhou-se com dinâmicas para facilitar a participação das mulheres. Para o Levantamento das Expectativas, a dinâmica que proporcionou o emergir dos temas foi o que se chamou de 'técnica da modelagem'. Essa técnica nos remete à idéia de um escultor que com argila modela quadros, obras, estátuas. Nesta dinâmica, as mulheres em dupla, realizam umas nas outras esta técnica que tem como fundamental o 'toque', o corpo, enfim, a expressão corporal. Constituiu-se numa oportunidade de mostrar o que cada mulher pensa ou acredita a respeito de diferentes assuntos.

A princípio a modelagem é dirigida, ou seja, dizia-se o que deveria ser modelado. Para esta dinâmica, foram levados alguns objetos (bonecas, panos, livros, outros), no intuito de facilitar a dinâmica. Pediu-se que fosse feito um padre, uma dona de casa e um trabalhador a escolha.

Neste momento da dinâmica, apareceram muitas mulheres carpindo (trabalhando na roça), e outras cuidando de crianças, lavando roupas, fazendo limpeza, o que mostra uma certa crise de identidade, entre a mulher do sítio, a que saiu do interior do estado, para se tornar uma mulher urbana, com atividades, responsabilidades típicas da cidade grande.

Quando todas haviam entendido o 'espírito' da dinâmica, pediu-se que as mulheres reunissem-se em grupos, discutissem e chegassem à conclusão de quais assuntos gostariam de discutir no grupo, e que expusessem na forma da dinâmica de modelagem os assuntos escolhidos.

Após tempo de discussão, o primeiro grupo a apresentar o quadro, representou uma família, onde o marido estava ocioso, a mulher aparece trabalhando com um filho no colo, as outras duas filhas pedem permissão para sair, a mãe nega e o pai permite. O segundo grupo representa uma mulher aplicando uma injeção na outra, comentando as dificuldades de conseguir as consultas no INPS e a falta de dinheiro para poder pagar consultas particulares em outros médicos. O terceiro e último grupo representa a insatisfação de uma mulher com muitos filhos diante de uma realidade que não oferece condições de criá-los e educá-los dignamente.

As propostas apresentadas foram: Educação dos Filhos; Divisão do Trabalho em Casa; Relacionamento do Casal; Saúde; Planejamento Familiar; sexualidade. Para concluir esta etapa, buscou-se que o grupo escolhesse quais os dois primeiros temas a serem discutidos, e através de votação, foram escolhidos Educação dos Filhos e Saúde.

Foi possível perceber que os temas levantados pelas mulheres expressam as dificuldades destas, o não acesso a direitos sociais mínimos e com qualidade, enfim, a situação de empobrecimento em que vivem. Ressalta-se no entanto, a dificuldade peculiar das mulheres, uma vez que

aparece como que com urgência, a discussão de temas que dizem respeito aos filhos e ao companheiro, como o papel do homem na educação dos filhos, divisão do trabalho em casa, relacionamento do casal, planejamento familiar e sexualidade.

Estes temas esclarecem as dificuldades das participantes em estar se relacionando de maneira democrática e correta com os homens, e isto se deve a uma cultura machista e dominadora a que estão expostas, não permitindo que sejam 'sujeitas' da sua história.

A esta altura do trabalho, devido o interesse das mulheres nas discussões, fomos percebendo um crescimento considerável das mesmas, no que diz respeito ao grupo, pois já conseguiam perceber a importância dos momentos de reflexão e, de algum modo já emitiam ao coletivo problemas ou dificuldades que lhes eram comuns.

Considerando a importância da parceria com outras áreas de conhecimento, procurou-se desenvolver um trabalho interdisciplinar, que exigiu uma postura de abertura e comunicação para que houvesse a "troca".

Durante o tempo de trabalho no grupo, estudamos o tema Educação dos Filhos, e para isto, consideramos o que as mulheres do grupo achavam que era educação e quais as dificuldades que encontravam na educação dos filhos, e por isso, foram ao grupo duas psicólogas, que refletiram que a "criança não é um adulto pequeno", que é necessário ter paciência, que os pais são os mais indicados para saber quais são os limites das crianças, e que a mulher deve dividir com o companheiro, ou pai, as responsabilidades da educação. Todas concordaram com o que foi discutido nas reuniões, mas nenhuma das participantes se posicionou dizendo se seu companheiro contribuía ou não, mas concordaram, dizendo que o homem não tinha paciência "prá essas coisas".

Esta idéia é conseqüência das transformações político-econômicas da sociedade, neste caso da sociedade brasileira, que desencadeou a separação das funções domésticas e funções sociais, construindo-se o que hoje se denomina âmbito público e âmbito privado.

Para Hannah Arendt, o termo público significa primeiro que, "tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível", e segundo, "o termo público significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele".³⁰

O termo privado, ainda segundo a autora, tem por significado original, "privação". "Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada, significa acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais a vida verdadeiramente humana, ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros (...) privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida (...) o 'homem' privado não se dá a conhecer, e portanto, é como se não existisse".

O que nos coloca a autora, é que, o que quer que se faça, se não for visto e ouvido por outros, permanece sem importância.

Mesmo tendo a mulher ingressado no mercado de trabalho, (embora geralmente fora do mercado formal de trabalho), as lógicas próprias desenvolvidas a respeito do público e do privado, ou seja, a afetividade no mundo privado e a racionalidade no mundo público, é uma ideologia que persiste até hoje, o que pode ser provado nas falas das mulheres do grupo.

³⁰ ARENDT. *A Condição Humana*.

Compreende-se que a preocupação com a educação dos filhos levou muitas vezes as participantes do grupo a querer enriquecer as discussões acerca do tema. Foi o que aconteceu com a discussão sobre violência, tema que foi discutido a pedido das mulheres, diante da realidade de violência do Morro, uma vez que o consumo de drogas dava-se nas ruelas onde todas as pessoas passavam, e os bares estavam sempre cheios, e era geralmente onde aconteciam as brigas, tiroteios e assassinatos.

Percebeu-se que as participantes só concebiam a violência como física, o bater, o matar, e só culpavam pela violência, o bar, as bebidas, os jogos. Após diversas reuniões, onde discutimos a partir da percepção das mesmas do que era a violência e mostrando através de um vídeo a realidade de miséria do Brasil, é que houveram avanços quanto à percepção de que a violência física é o último estágio da violência, e que esta pode ser vista no dia-a-dia das pessoas.

"Receber um salário mínimo também é uma violência, é muito pouco. A gente rala o mês inteiro prá ganhar uma mixaria".

(Dorva)

"A violência não é só aqui nos Morros, só com os 'pequenos', já começa com os 'grandão'".

(D.Zilma)

Durante todo o processo dos trabalhos do grupo, fazia-se reuniões para discutir assuntos que faziam parte do cotidiano das mulheres, festividades, enfim, o que fosse importante estar se discutindo.

Na época da Páscoa, discutimos o verdadeiro sentido desta, a propaganda feita a respeito, dos presentes, ovinhos, coelhos, considerando a situação financeira do povo em geral, das pessoas que não teriam condições de promover esta 'festa', e que esqueciam o sentido real da data, que era o repartir, o recomeçar. Para a reunião em que comemoraríamos a Páscoa, fez-se um bolo e pintou-se casquinhas para serem repartidas entre as participantes. Surpreendeu-nos o número de mulheres que vieram ao grupo neste dia, demonstrando como a data era importante, pois todas fizeram questão de dizer que era bom comemorar com o grupo uma data tão especial:

"Com este gesto, dá prá resgatar tudo de bom que acontecia na minha família no dia da Páscoa, mas com a morte da mãe acabou".

(Salete)

Outra data que teve seu significado discutido, foi o Dia Internacional da Mulher. Antes de resgatar a história das mulheres que foram queimadas dentro de uma fábrica em uma cidade dos Estados Unidos, perguntou-se às participantes, se sabiam o porquê se comemorava o dia da mulher:

"Deve ser porque também se comemora o dia do trabalhador".

(Salete)

"Vai ve se comemora porque a mulher é mais sofrida".

(Zenite)

"Eu acho que comemoram porque a mulher é mais lutadora".

(Lite)

Todas estas percepções são riquíssimas para se fazer uma avaliação, de como as mulheres de fato não se vêem como trabalhadores 'normais', e que o feriado do dia do trabalhador nem diz respeito a elas, que como os homens, na maioria das vezes trabalham de sol a sol, e quando chegam em casa ainda tem os seus 'afazeres domésticos', constituindo, a tão famosa "dupla jornada". Também pode se perceber a diferença nas falas de Zenite e Lite, aparentemente tão contraditórias, mas tão corretas ao mesmo tempo. Percebe-se com a fala de Lite, uma percepção, de que a mulher deve ser valorizada prioritariamente, pela sua capacidade de luta, ao passo de que na fala de Zenite, constata-se a realidade concreta da mulher. Estes dois aspectos devem estar intimamente ligados, porque se ficarmos na fala de Zenite, 'do sacrifício', pode-se cair no erro de considerar o sacrifício, como consequência, ou como fim do lutar.

Esta crítica é feita por Naumi de Vasconcelos,³¹ em artigo sobre o Dia 08 de Março (Dia Internacional da Mulher), onde defende que a existência desta data está vinculada ao início da Revolução Soviética de 1917, em que mulheres corajosas, considerando a possibilidade da vitória, tomaram a iniciativa no processo revolucionário, enfatizando, não o caráter sacrificial da 'grande mulher', que foi queimada e que chocou o mundo, mas sim, da mulher que precisa ser identificada pela sua capacidade de luta.

Após as colocações das mulheres a respeito do massacre na fábrica dos Estados Unidos, refletiu-se, quais os avanços que as mulheres haviam conquistado:

³¹ VASCONCELOS. *Quem tem Medo do 8 de Março?* In. *Em Tempo*. 28.

"Hoje a empregada doméstica já pode ter a carteira assinada, daí tem direito a férias".

(Salette)

"Já pode também ficar em casa quando ganha um filho, e continua recebendo".

(D.Zilma)

"As mulheres lá de Lages, também foram prá Brasília, e hoje as mulheres agricultoras já tem aposentadoria".

(Lite)

Todas estas colocações provam, que as mulheres estão atentas às questões e às lutas em prol das mulheres em geral, e que mesmo que se pense que estão apáticas a estas mudanças, das mais diversas formas, através de suas ações e/ou movimentos, as mulheres vem se afirmando enquanto 'sujeitas', que querem ser reconhecidas também na vida pública, mas principalmente na vida diária.

Pôde-se comprovar que esta luta vem sendo percebida pelas outras pessoas, e no Morro da Penitenciária, não foi diferente. No dia em que discutiu-se o Dia Internacional da Mulher, foram penduradas na entrada da comunidade, faixas pintadas pelo grupo, parabenizando as mulheres do Morro pelo seu dia, e estas faixas, durante a noite foram queimadas, o que dá a certeza de que o grupo de mulheres é conhecido no Morro, e que de alguma forma, o crescimento, ou emancipação das mulheres, de modo geral, não agrada, ou que, as pessoas não estão preparadas para tal crescimento.

Ao mesmo tempo que parece um ponto positivo, afinal prova que as mulheres avançaram e provaram os avanços, não se tem o interesse de provocar discórdia entre mulheres e homens, e sim, que com os avanços das mulheres, possam também haver avanços que digam respeito aos homens e às outras mulheres que ainda não tiveram as devidas oportunidades.

O Grupo de Mulheres, durante todos os trabalhos, avançavam no campo das reflexões, e com o tempo avançaram também no que diz respeito à atividade prática - pintura em tecido - quando decidiram pintar vidros que, juntamente com os tecidos seriam vendidos após permissão da Diretoria da Casa da Criança, no Ponto de Pão e Leite da mesma. A princípio, os "lucros" seriam destinados a comprar mais materiais, e para eventuais atividades do grupo, como passeios. Esta decisão foi significativa, uma vez que permitiu perceber que as mulheres estavam remetendo ao coletivo do grupo, a já citada 'estratégia de sobrevivência', pois este seria o primeiro passo, para a médio ou longo prazo, estar pensando uma cooperativa das mulheres da comunidade. A pintura deixa então de ser uma atividade individual, e passa a ser um interesse coletivo, com um fim maior.

2.3 - A Associação de Moradores

O Protagonismo Feminino: Reações e Mudanças

Se na pintura foi possível notar os avanços no que diz respeito à organização em prol do coletivo, poder-se-ia dizer, que o auge do Grupo de Mulheres, aconteceu na época das eleições da Associação de Moradores do Morro da Penitenciária. O processo das eleições para a Associação começou, na verdade, com a cobrança, por parte dos moradores, pois a Associação não vinha cumprindo seu papel e, prova disto, era a questão dos módulos sanitários, projeto da Prefeitura Municipal de Florianópolis que previa a construção de aproximadamente 80 módulos sanitários na comunidade, e que para isto precisava da Associação de Moradores, no que dizia respeito à lista dos que seriam beneficiados, e até para gerir os trabalhos, processo iniciado e não levado adiante até então.

Após tentativas frustradas para marcar reuniões e a maioria dos membros da Associação não comparecer, marcou-se uma reunião na casa do presidente da diretoria da Associação. Questionou-se então, até que ponto a Associação estava se dispondo na continuação dos trabalhos. Após discussão, os membros colocaram suas dificuldades, sugerindo que a diretoria voltasse a se reunir e decidisse sobre continuar o trabalho ou antecipar as eleições para que as atividades fossem retomadas.

A diretoria propôs a antecipação das eleições, compôs-se a Comissão eleitoral, e iniciou-se a divulgação.

Considerando que as mulheres da comunidade, em especial, as ligadas à Casa da Criança, que tinha como objetivo no Grupo de Mulheres, e junto aos funcionários, a formação de lideranças, sugeriu-se à D.Iracema, funcionária da Casa, que pensasse sobre a Associação e a possibilidade de montar uma chapa para concorrer nas eleições. Entusiasmada com a idéia, D.Iracema convida Neusa, funcionária da Casa e participante do Grupo de Mulheres, que prontamente aceitou compor a chapa. D.Iracema e Neusa sempre foram mulheres de destaque na comunidade, principalmente no que diz respeito à força, à persistência. Moradoras antigas na comunidade, D.Iracema mora no Morro a aproximadamente 20 anos, e Neusa a 10, concordaram que seria necessário que todas as "regiões" do Morro fossem representadas na chapa, e assim mapearam a comunidade e passaram a convidar as pessoas que, segundo elas, tinham as características necessárias para fazer parte da diretoria da Associação:

*"Tem que puxar a frente nas coisas,
ser corajoso".*

(D.Iracema)

" Não pode é ter medo do trabalho".

(Neusa)

As duas primeiras convidadas foram, Lite (participante do Grupo de Mulheres) e Rosa (participante atuante na capela da comunidade), que recusaram aos convites, devido as muitas atividades que tinha e devido ao estado de saúde, respectivamente.

A terceira convidada, foi D.Zilma, do Grupo de Mulheres, conhecida pelo constante bom humor e sempre incentivadora de atividades da comunidade. A princípio D.Zilma queria recusar, pois sempre viaja a São Paulo para visitar os filhos, mas acabou aceitando, pois D.Iracema e Neusa a convenceram de que todos os trabalhos seriam feitos junto com a comunidade, e que a diretoria não se sobrecarregaria.

Marinês, do Grupo de Mulheres, recusou o convite, sem dar motivos, e mais tarde, soube-se que seu marido estava tentando montar uma chapa para concorrer nas eleições também. Meses mais tarde, Marinês conta a novidade de que estava grávida. Isto prova, que a maternidade ainda é utilizada como uma forma de retirar a mulher das instâncias de participação e de decisão, garantindo seu refúgio no "lar", no cuidado dos filhos e do marido, garantindo a sua "privacidade".

Convidou-se também Elizonete, moradora da comunidade e Maria Gessi do Grupo de Mulheres que aceitaram o convite.

Durante este processo, as mulheres, e principalmente D.Iracema, mulher do conhecido 'seo' Argeu (duas vezes membro da Associação de Moradores), via-se diante de comentários como:

"Quero ver se um dia tiver que desentupir os bueiros por aí, como é que a Associação de Moradores vai se virar..."

D.Iracema, mulher decidida, que se autodenomina de 'sangue-quente', prontamente respondia:

"Prá início de conversa, desentupir bueiros não é papel da Associação de Moradores, mas não se preocupe, se precisar desentupir a gente desentope".

A última convidada a compor a chapa, foi a comadre de D.Iracema, Eva, que pensou em recusar o convite:

"Não sei se aceito, a gente já tem tanta coisa para fazer, é roupa prá lavar, comida prá fazer, agora vai ter um neto prá ajudar a criar..."

(Eva)

D.Iracema a tranquilizou, dizendo que se entenderia se acaso faltasse em alguma reunião, pois todas eram mulheres, tinham casa, marido, filhos, e sabiam como é 'dura a lida' da mulher. Eva pediu um tempo para pensar e confirmou seu nome mais tarde.

Desde o dia da inscrição da chapa ao dia da eleição, as mulheres incessantemente, fizeram a sua campanha, passavam de casa em casa na comunidade, a princípio na casa das comadres e compadres, e após

vizinhos dos mesmos, e em toda a comunidade. Distribuíram cédulas modelo, e mais tarde voltavam às casas para ensinar a votar. Reuniram-se semanalmente para conversar sobre a campanha, e decidir as prioridades da chapa, que foram:

- a questão dos módulos sanitários;
- a água;
- a rede de esgoto;
- o lixo da comunidade;
- a "Rádio Cabocla".

Interessa ressaltar as relações de compadrio, que como pode-se perceber, são intensas na comunidade. Fruto da cultura cabocla, a relação de compadrio se estende com se fosse uma relação de parentesco. Segundo Durhan, citado por Edaléa Maria Ribeiro da Silva, "por isso mesmo parentesco e compadrio se mantêm como tipos fundamentais de relações sociais mesmo quando as transformações da sociedade nacional destroem as comunidades enquanto grupos locais organizados..."³²

Por fim, fechou-se os nomes da chapa, e escolheu-se como nome "Caboclas da Serra". Venceram as eleições, com chapa única, constituída só de mulheres.

"Nós não queremos fazer nada sozinhas, nós vamos ter conselheiros, e os primeiros vão ser os nossos maridos, por que a gente quer fazer as coisas unidos".

(D.Iracema)

³² SILVA. O Usuário dos Serviços Sociais: Este Ilustre Desconhecido.

A presidente da Associação de Moradores, D.Iracema, coloca o que se tem de mais correto nas relações de gênero, ou relações entre os sexos, que é o "trabalhar juntos", com um fim comum, porém foi possível perceber que esta vontade era apenas dela, pois com meses de trabalho da Associação, o marido não tem participado.

As mulheres da chapa, sempre demonstraram força de vontade, e conhecimentos quanto às suas origens, como no caso da escolha do nome da chapa:

"Nós escolhemos este nome, porque nós somos todas caboclas daquelas bandas, né, somos todas lá da serra, de Lages..."

(D.Zilma)

As mulheres também perceberam que constituíram uma chapa "diferente". Quando perguntadas sobre o que esta chapa tinha de "diferente", disseram:

"É porque é só de mulher né!? Nós somos só mulher na Associação(..). A mulher é muito trabalhadora, e tem mostrado que tem valor".

(Elizonete)

Também o Grupo de Mulheres, ou a Casa da Criança de modo geral, contribuiu para a formação de líderes como as mulheres da Associação, insistindo na necessidade e na importância da participação. As mulheres percebiam esta importância:

"Se eu quiser as coisas, eu tenho que ir atrás, tenho que brigar por elas, e prá mim conseguir, eu tenho que participar, porque se eu não participar eu não posso reclamar de nada".

(Neusa)

Iniciados os trabalhos da Associação, com a prioridade primeira, que era a questão dos módulos sanitários, iniciaram-se também os problemas junto à prefeitura, que utilizou o projeto feito para a comunidade do Morro da Penitenciária, em outra comunidade de periferia de Florianópolis, sendo que o trabalho só reiniciaria, terminada a referida obra, que levaria em torno de um mês.

Neste período legalizou-se a chapa eleita e começou-se as visitas às pessoas que seriam beneficiadas com os módulos, cujo nome já tinham na lista feita pela diretoria anterior da Associação, que foi mantida pela atual diretoria.

Reiniciadas as conversações a respeito dos módulos, o representante da fiscalização sanitária, colocou a dificuldade de ter-se poucos módulos construídos, já que boa parte dos módulos destinados ao Morro da Penitenciária, haviam sido entregues na outra comunidade, soube-se mais tarde, que eram entregues pela primeira dama do município a uma comunidade de ocupação que seria transferida, o que se constituiria, em trabalho dobrado para a prefeitura e fiscalização. Questionado sobre isto, o representante da fiscalização, disse ser apenas um "empregado que cumpre ordens".

A questão dos módulos ainda não está finalizada, mas em meio às imprudências da Prefeitura, as "Caboclas da Serra", tem cumprido seu papel com notável desempenho.

O Grupo de Mulheres da Casa da Criança, em meio a tantas mudanças, teve diminuído o número de participantes, o que começou a gerar comentários, já que o Grupo estava bastante visado, principalmente pelos homens, e mais ainda, pelos que tinham contato com as mulheres do grupo, que se constituiu como uma revolta masculina.

Assim, fez-se necessário reorganizar o grupo, resgatando sua história e esclarecendo que o menor número de participantes (passou-se de uma média de 15 pessoas, para 06 por reuniões) era devido a sobrecarga de atividades de algumas mulheres do grupo. Algumas mulheres passaram a estudar no supletivo que foi oferecido na comunidade (no espaço da Casa da Criança), outras assumiram a Associação de Moradores, e houveram as que passaram a fazer parte da diretoria da Casa da Criança.

Além de todos estes motivos, percebeu-se que as mulheres haviam mudado, necessitando que o grupo como um todo mudasse na mesma medida. As mulheres percebiam e queriam esta mudança mas não sabiam identificar ao certo, que mudança deveria ser esta. Após reflexões, concordou-se que este seria o momento de repensar a questão da cooperativa, porém, como grupo ainda estava "volúvel" diante de tantas mudanças, achou-se por bem, adiar o projeto para maior amadurecimento da idéia. No presente momento, previa-se uma "oficina de sexualidade", sendo que o grupo começa a centrar suas expectativas nesta atividade.

Nesta reorganização, contatou-se que era também o momento das mulheres coordenar o grupo de fato. Colocou-se que a situação de estagiária é uma situação passageira, e que um grupo organizado, mesmo na ausência

de algum participante, deve dar continuidade as atividades. Assim propôs-se que o grupo fosse coordenado por duas integrantes do mesmo. Chegou-se aos nomes de Salete e Marinês, pois eram duas mulheres que não haviam assumido outras atividades na comunidade, senão o grupo. Aceita a proposta, a coordenação passou a reunir-se um dia por semana, além do dia da reunião, para organizar as mesmas de acordo com o que é discutido no grupo. Desde fazer as visitas e convites às participantes e demais mulheres do Morro, até a organização das reuniões propriamente ditas, está a cargo das coordenadoras, moradoras da comunidade, que até então, entre outras, eram atividades das estagiárias.

O projeto finda na comunidade com o término da oficina, tendo por motivo, a falta de estagiárias com interesse neste campo de pesquisa, especialmente nesta realidade de comunidade empobrecida. Mas mesmo neste "fim", percebe-se a riqueza da pesquisa, pois na preparação para as oficinas, viu-se como na área da sexualidade, mais que em outras áreas, as mulheres continuam sob o "jugo" masculino, pois na sexualidade, o caráter machista é nítido:

"Nem sempre a gente tem vontade, às vezes está cansada, trabalhou o dia inteiro, eles tem muito mais vontade, (...) e ele me perguntou, se eu tinha outro, nossa, aquilo me machucou tanto..."

Ainda persiste às mulheres, a condição "natural", de que o homem gosta muito mais de sexo que a mulher, e percebeu-se também, como as mesmas se submetem, tentando ser 'compreensivas' com a situação masculina. Notou-se também, que precisam se sujeitar a riscos para que se respeite a sua decisão de não ter filhos, como pode-se perceber na fala abaixo:

"Eu nem podia estar tomando comprimido, me faz um mal... Por que nós não usamos a camisinha? Se fosse eu que tivesse que usar, eu usava, mas como não sou eu..."

Iniciada a oficina, os convites foram feitos ao casal, mas as mulheres compareceram sozinhas, o que mostra a não possibilidade de se estar dividindo com o companheiro, assuntos que parecem íntimos e individuais. A participação somente feminina, faz constatar que há maior coragem em estar colocando suas dúvidas e dificuldades, com bastante sinceridade como podemos perceber nas falas.

"Eu quero saber porque que dá essas feridas no útero, porque eu fui operada, e nem sabia onde eles iam fazer o corte."

"Onde é que a gente tem mais prazer, porque o homem tem prazer tão rápido, e acabou, e a gente fica ali, que parece que nem começou... às vezes me dá uma raiva!"

"Quando é a idade certa prá ensinar essas coisas para as crianças, às vezes eu não sei o que responder."

Até o término do presente Trabalho de Conclusão de Curso, as atividades do grupo no que dizia respeito a oficina, não haviam sido concluídas, o que impossibilita colocar os resultados desta.

CAPÍTULO III

3. O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL

3.1 - O Profissional de Serviço Social

Segundo Marilda Yamamoto,³³ o Serviço Social tem sua origem nos limites institucionais da Igreja Católica, que desde o “rompimento” com o Estado, não admitiu que o poder político deixasse de ser submisso ao religioso, que antes ditava as “regras do jogo” para o conjunto da sociedade. Nos meados deste século a Igreja Católica preocupada em não ser completamente excluída da “ordem” temporal pelos regimes liberais ou tendências comunistas, buscou uma “nova” cristianização da sociedade, e teve com seu “braço secular” fundamental o Serviço Social que não tinha como princípio a defesa de uma ou outra classe social, mas tinha como proposta a “solidariedade entre as classes”.

Com o aparecimento das grandes instituições, amplia-se o mercado de trabalho para o Serviço Social e rompe-se a restrita atividade nos blocos

³³ YAMAMOTO. *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social*. cap.II.

religiosos desenvolvendo ações em obras assistenciais, tornando-se uma atividade institucionalizada, legitimada pela classe dominante e pelo Estado que a representa.

O Serviço Social se constitui como profissão, inserindo-se no mercado de trabalho, com todas as conseqüências daí decorrentes (principalmente com o seu agente tornando-se vendedor de sua força de trabalho).

Levando-se em consideração que a demanda profissional tem um caráter de classe, ou seja, o fato de que o assistente social se insere em uma estratégia de dominação (Estado) para trabalhar com os dominados, surge automaticamente a contradição: a quem o Serviço Social serve de fato, ao Estado ou à classe trabalhadora?

Percebe-se que o Serviço Social em si, não prevê a priori, a que classe vai servir enquanto profissional; a este caberá optar a favor da classe dominante, reproduzindo seus interesses, amenizando as contradições e ao mesmo tempo solidificando as desigualdades sociais, ou por outro lado, poderá se posicionar a favor da classe trabalhadora, em prol de um projeto alternativo na construção de uma sociedade democrática e popular.

A prática profissional se dá como resultante histórico e produto teórico prático dos profissionais. O profissional é sujeito na história, porém a partir dos limites e possibilidades que a própria história oferece.

O exercício da profissão é situado conjuntamente, a partir de diversidade, conflitos e contradições da realidade, estes que devem ser absorvidos de maneira sólida e profunda pelo profissional que participa da luta pela hegemonia da classe subalterna. A luta de classes é um fato, desde que existem as classes. Quando o profissional opta pela causa da transformação social, inevitavelmente terá como compromisso assumir o

projeto da classe trabalhadora. Este projeto para ter êxito, deve estar intrinsecamente vinculado às organizações e movimentos populares que se caracterizam pela defesa da satisfação das necessidades básicas, qualidade de vida e cidadania, que supõe exercícios de organização. Segundo Maria Luiza de Souza "A importância dos movimentos sociais está no papel que eles passam a desempenhar no processo de organização popular. Esse processo acontece à medida em que a população supera as saídas individuais e recorre a alternativas coletivas. Todo um conjunto de situações de vida passa a ser percebido em seus aspectos comuns coletivos e, como tal, passa a ser descoberto em seus aspectos sociais".³⁴

Os movimentos populares requerem objetivos claros quanto ao que se pretende alcançar e ações desenvolvidas estrategicamente. Nisso identifica-se o importante papel do Serviço Social na organização comunitária. Pois ao Assistente Social é atribuído o papel de planejador, operacionalizador e viabilizador dos serviços sociais junto à população.

Não se pode entender que são os dominantes (irreversivelmente) que determinam o funcionamento da sociedade, pois cai-se em um passivismo espontaneísta conservador, e também não se pode entender o exercício da profissão como algo heróico (que tudo resolve a partir da vontade), pois belas intenções confrontam-se de imediato com a realidade prática que pode negá-las, redimensioná-las.

Devido à dinâmica, movimentos ou contradições históricas, o profissional se percebe envolto em diferentes situações, precisando dar respostas eficazes, teórico-práticas e portanto políticas ao meio social. Este espaço não pode ser reduzido a respostas de concordância com o senso comum (este que em si mesmo é contraditório), mas precisa tornar-se capaz

³⁴ SOUZA. *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*. 100.

de apreender tais contradições e então elaborar perspectivas ou alternativas de atuação coletiva de construção da história.

O profissional de Serviço Social nunca é neutro politicamente. Ao atuar junto à comunidade, quando de forma autêntica, posiciona-se político-ideologicamente a favor da classe trabalhadora, confrontando e questionando o sistema neoliberal existente. Por isso é necessário que o profissional tenha uma profunda e sólida bagagem teórica e, segundo Marilda Yamamoto,³⁵ não um pragmatismo empirista.

³⁵ YAMAMOTO. *Op. Cit.* cap. II.

3.2 - Objetivos e metodologia

Mesmo tendo chegado ao grupo com um projeto elaborado e que este grupo já tinha uma história e objetivos que não poderiam ser desconsiderados, muitas vezes o projeto teve a necessidade de adequar-se a estes objetivos, enquanto processo metodológico, sem perder de vista sua proposta.

Um dos primeiros passos na aplicação do projeto consistiu em visitas domiciliares às participantes do grupo, no sentido de ter maior conhecimento da sua realidade e assim poder contribuir de maneira mais personalizada no que diz respeito às atividades do grupo.

A visita domiciliar é um instrumento técnico constante, onde não basta que se faça uma visita somente, ou questionários desvinculados de um processo de participação - de fato - do profissional, o que significa uma

violência ou desrespeito à subjetividade das pessoas, além de não contribuir na apreensão da realidade. Ao contrário, a visita domiciliar, ou a já tão questionada abordagem individual, permite que se "aprofunde" a relação estagiária e membro do grupo, resgatando a subjetividade, as questões não faladas no grupo, ou de fórum mais íntimo das mulheres, facilitando o entendimento do cotidiano.

Considerando que as mulheres do grupo são caboclas e, portanto, pertencem a um universo cultural construído socialmente e que, por consequência, tem uma certa desconfiança com relação ao estranho, no processo de atuação do profissional percebeu-se que, à medida em que as mulheres tornaram-se mais receptivas, foi possível uma maior abertura para que as visitas domiciliares se tornassem também mais ricas.

Outro passo fundamental no processo de aplicação do projeto, foram as reuniões do grupo, espaço que propiciou as discussões dos temas de interesse das mesmas, o que foi criando uma identidade do fazer feminino no grupo, com possíveis repercussões na comunidade, uma percepção da possibilidade da conquista da cidadania a partir de um trabalho coletivo organizado.

A reunião é um importante instrumento no processo de intervenção junto ao grupo e na pesquisa, uma vez que se constitui num espaço de socialização de idéias, resgate das falas, emergência de situações, conflitos, experiências, vivências e problemas. Aos poucos, cada participante do grupo foi percebendo que suas dificuldades eram também as dificuldades das demais, assim como seus interesses e necessidades e, conseqüentemente, percebeu-se que as soluções poderiam ser melhor viabilizadas a partir do coletivo.

Cabe ressaltar que nas reuniões percebeu-se a importância do Serviço Social enquanto propiciador e motivador de espaços de reflexão, onde as participantes foram construindo em conjunto os rumos do grupo, pois descentralizadas as funções, as mulheres tiveram condições de estar participando ativamente do mesmo. Considera-se importante a descentralização das funções, pois não se pode permitir a dependência, para assim, evitar que na profissão, continuem existindo o paternalismo, ou assistencialismo, que aborta uma participação efetiva, não possibilitando a continuidade do processo que pode ser transformador.

O uso de dinâmicas de grupo são também fundamentais para o trabalho, já que as categorias a serem estudadas na maioria das vezes emergem das dinâmicas. Foram utilizadas nas reuniões dinâmicas de descontração, entrosamento, e usamos recursos audiovisuais e materiais os mais diversos, tais como pincéis atômicos, giz de cera, tesouras, papel, cola para as dinâmicas que exigiam desenho, recorte e colagem, confeccionamos também cartas de prope, que são quadros de cartolina, nos quais eram coladas figuras que mostravam desenhos que poderiam facilitar nas discussões, além de materiais como panos, bonecas, vassouras, livros, caixas, enfim, o que garantisse facilidade para as dinâmicas de teatro ou expressão corporal.

A pintura em tecido no momento das reuniões, foi um fator fundamental para a participação das mulheres no grupo, e através dela foi possível também, perceber muito a respeito da "personalidade" das mulheres. Havia as que em suas pinturas, usavam cores fortes e vibrantes, e as que utilizavam cores claras, delicadas, prestavam atenção a detalhes, que respectivamente condiziam com personalidades fortes, decididas e geralmente alegres e risonhas, e as que se mostravam tímidas, caladas e tristonhas algumas vezes.

Para que fosse possível o êxito do projeto, fez-se necessário que se travasse uma convivência intensa no cotidiano do grupo, que propiciasse o conhecimento mútuo e por conseguinte resultasse na confiança das participantes na execução do projeto.

É importante que se ressalte, que há em nosso meio profissional, o discurso de que não se deve chegar à comunidade com os projetos prontos, mas construí-los na mesma. Não seria correta a postura dos que colocam não ter intenções para estar numa dada comunidade, todos tem intenções o tempo todo, e não se considera isto um problema, mas sim o fato de estar na comunidade, construir com ela um projeto e não atuar de maneira responsável. Quanto ao fato de com a permissão da comunidade, inserir-se com um projeto elaborado, cabe que se adeque este projeto a nível mais amplo na mesma, considerando a organização já existente, e de maneira conjunta dar andamento às atividades.

Esta foi a trajetória do presente projeto que, iniciado junto ao grupo de Mulheres, procurou articular-se com a Casa da Criança, onde o grupo surge e se desenvolve, com a Associação de Moradores, essencial à organização e crescimento da comunidade, e também sendo um elo com as demais organizações, como a Universidade Federal de Santa Catarina, Prefeitura e demais comunidades.

ANÁLISE CONCLUSIVA

Durante as atividades junto ao Grupo de Mulheres da Casa da Criança do Morro da Penitenciária, e devido a riqueza desta pesquisa, foi possível chegar a algumas conclusões.

O primeiro desafio encontrado durante o processo de pesquisa foi não tirar "proveito" pessoal da sabedoria popular, mas neste processo, contribuir concretamente para a organização comunitária e na reflexão sobre Gênero junto às mulheres da comunidade.

Percebeu-se no grupo de mulheres um salto de qualidade no que diz respeito à participação junto a diferentes esferas de decisão na sociedade, além de uma ampliação a nível de conhecimento crítico em relação ao seu cotidiano.

Procurou-se também, não cair num ativismo pragmatista, pois este não permite o aprofundamento científico em relação ao trabalho cotidiano. No ativismo, pode-se correr o risco de cair no senso comum, não percebendo

as contradições inerentes ao próprio pensar e agir popular, caindo-se, assim, num basismo de achar que tudo o que é popular é emancipador. Buscou-se evitar também, um cientificismo que despreza "o fazer cotidiano" da comunidade, que impusesse modelos ou fórmulas prontas de como se deve agir e pensar.

Partindo da relação teoria-prática, foi possível constatar que não é possível aprofundar cientificamente as questões de gênero, se não partir-se do fato de que durante séculos vivenciamos a dominação do sexo feminino por parte do masculino, não se criou espaço para a realização autônoma da mulher, seu trabalho com a família ou com a atividade doméstica não é computada economicamente, nem valorizada socialmente.

Conforme Leonardo Boff,³⁶ não é possível compreender seriamente a questão do feminino bem como o masculino como algo fixo, estático e imutável, mas sim constituído socialmente ou historicamente. É um feixe de relações que ultrapassa a vontade domesticadora da racionalidade analítica moderna. Rompendo com a linguagem sexista e reducionista que pesquisa o ser humano enquanto 'homem' simplesmente, como se este homem realizasse em si toda a humanidade.

Segundo Helcion Ribeiro "a 'dignidade da mulher' não pode ficar em louvaminhas ou considerações metafísicas. Urge, contudo, recuperá-la no cotidiano humano (...). Não basta, todavia, eliminar o negativo, é urgente permitir aflorar novas relações de convivalidade e co-responsabilidade, novas formas de organização social e econômica, nova cooperação no trabalho e na política".³⁷

³⁶ BOFF. *O Rosto Materno de Deus*. 41.

³⁷ RIBEIRO. *Mulher e Dignidade: dos Mitos à Libertação*. 05.

Faz-se necessário contribuir numa reflexão crítico positivadora nas questões de gênero, tendo como ponto de partida a valorização da mulher na sua totalidade, como agente de transformação social, negando os programas do neoliberalismo que continua promovendo um tipo de sexualidade no âmbito da dominação masculina, somando na perspectiva de gênero que projeta homem e mulher não como diferentes ou antagônicos polarizando os sexos, mas sim enquanto seres que estabelecem uma relação concreta de reciprocidade que supera os vícios qualificativos do homem como racional, objetivo, agressivo, dominador, criativo, voltado ao trabalho, de fácil exteriorização, etc., e a mulher com características ligadas mais a emotividade, sensibilidade, ternura, irracionalidade, passividade, do cuidado e da submissão, pois este argumento acaba por reforçar velhos preconceitos, que convertem ideologicamente a diferença como uma desigualdade “natural”.

Citando a obra de Miriam Goldenber e Moema Toscano, na apresentação desta, concorda-se que, “a mulher não se libertará imitando o homem, antes lutando a seu lado, sem deixar nunca de ser feminina, mas senhora de seu destino e de seu corpo. O que importa não é ver no homem como o permanente inimigo, para ser destruído ou imitado. A mudança tem que se dar em toda a sociedade, com a adoção de novos valores e de novos padrões de conduta”.³⁸

Um verdadeiro programa de políticas públicas, gerido por um Estado democrático e popular, poderia, aos poucos, ir minimizando a caótica realidade em que nos encontramos. Faz-se urgente, a necessidade de mecanismos, ou medidas concretas governamentais, que permita às mulheres plena igualdade nas oportunidades de mercado de trabalho, na educação e em todos os aspectos da vida social. Sabe-se que, a realidade de opressão machista, não é somente consequência da forma como é

³⁸ TOSCANO & GOLDEMBERG. *Op. Cit.*

organizada a infra-estrutura de uma sociedade, mas que também, na relação de gênero: homem-mulher, pais-filhos, irmãos-irmãs, etc, onde acontecem relações de poder, que podem servir para a sustentação ou legitimação de certo modelo de sociedade o também podem se tornar instrumentais de transformação social.

Percebeu-se nessa pesquisa que é fundamental, a tomada de consciência por parte da mulher, de sua posição dentro da realidade sócio-econômica em que vive, sendo que, para isso, é necessário que haja um amplo trabalho de reeducação. Para tanto, é necessário que as mulheres se organizem e manifestem seus pensamentos com o objetivo de discutir e reivindicar programas de ações concretas, que pressupõe como uma tarefa mínima, a formação de grupos para estudos e encaminhamentos referentes às questões de gênero.

É preciso uma busca cada vez mais sólida de igualdade de direitos e possibilidades de ambos os sexos, onde o feminino e o masculino passam a ter conjuntamente a tarefa e o compromisso da construção de uma sociedade realmente democrática, igualitária, antiracista e antidiscriminatória, com urgência histórica, concretizada pela práxis cotidiana.

BIBLIOGRAFIA

01. ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo, Ed. Forense Universitária, 1992.
02. BASTOS, M. Durvalina F. & GOMES, M. de Fátima C.M. **Revista Serviço Social & Sociedade**, N. 46. São Paulo. Ed. Cortez, 1994.
03. BOFF, Leonardo. **O Rosto Materno de Deus**. Rio de Janeiro, Ed. Vozes 1979.
04. BRASIL. **Lei N. 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo, Ed. Fisco e Contribuinte, 1990.
05. BUARQUE, Cristovam. **O Colapso da Modernidade Brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1991.
06. Fascículo Brasil Urgente. São Paulo, Ed. FG, 1989.
07. FREIRE, Madalena. **O que é um Grupo**. São Paulo, Ed. Forense. 1993.
08. GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1989.
09. HOFSTATTER, Leila S. **II Pesquisa Sócio Econômica do Morro da Penitenciária**. Florianópolis, 1992, In. mimeo.
10. HOFSTATTER. Leila & KACZUR. Eleonora C. **Plano de Ação para o Grupo de Mulheres da Casa da Criança do Morro da Penitenciária**. Florianópolis, 1994, In. mimeo.
11. IAMAMOTO, Marilda. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 1992.

12. LISBOA, Teresa Kleba. **A Luta do Sem Terra no Oeste Catarinense.** Florianópolis, Ed.UFSC, 1988.
13. MANTEGA, Guido. **A Economia Política Brasileira,** São Paulo, Vozes, 1988.
14. MARX, Karl & ENGELS Friedrich. **Obras Escolhidas.** São Paulo, Ed. Alfa-Omega. 1988.
15. PINTO, Elizabete. **8. Congresso Nacional de Serviço Social - Bahia,** 1995.
16. RIBEIRO, Helcion et. al. **Mulher e Dignidade, dos Mitos à Libertação.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.
17. ROSSI, Vera Lúcia. **O Serviço Social no Contexto da Experiência Comunitária: Casa da Criança.** Florianópolis, UFSC, 1992.
18. SCOTT. Joan. **Educação e Realidade.** N.16(2), Porto Alegre, 1990.
19. SILVA, Edaléa Maria Ribeiro da. **Plano de Ação para a Casa da Criança do Morro da Penitenciária.** Florianópolis, 1994. In.mimeo.
20. _____. **O Usuário dos Serviços Sociais, Este Ilustre Desconhecido.** São Paulo, PUC, 1992.
21. _____. **Projeto Casa da Criança do Morro da Penitenciária.** Florianópolis, 1994/1995. In. mimeo.
22. SILVA, Marlise Vinagre. **8. Congresso Nacional de Serviço Social Bahia,** 1995.
23. SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de Comunidade e Participação.** São Paulo, Ed. Cortez, 1987.
24. STOLCKE, Verena. **Estudos Afro-Asiáticos.** N. 20, 1991.
25. TOSCANO, Moema & GOLDENBERG, Mirian. **A Revolução das Mulheres.** Rio de Janeiro, Ed. Revan, 1992.
26. VASCONCELLOS, Naumi A. **Revista Em Tempo,** N. 279. Março. 1995.
27. WANDERLEY, Mariangela Belfiore. **Metamorfoses do Desenvolvimento de Comunidade.** São Paulo, Ed. Cortez, 1993.

**“O homem que não é capaz de sonhar
é um pobre diabo, um eunuco;
o homem que é capaz de sonhar
e transformar seu sonho em realidade
é um revolucionário;
o homem que não é capaz de amar é um animal;
o homem que é capaz de amar
e fazer do amor um instrumento de mudança
é também um revolucionário,
é também um sonhador, um amante;
é um poeta, porque não se
pode ser revolucionário,
sem lágrimas nos olhos,
sem ternura nas mãos”.**

(Carlos Fonseca)